

# O Brasil e os Estados Unidos: gênero, etnicidade e preconceito na novela "América"<sup>1</sup>

Gláucia de Oliveira Assis\*  
Sueli Siqueira\*\*

**Resumo:** Nesse início de século XXI a crescente emigração de brasileiros/as para o exterior revelou uma nova face do Brasil, a de país de emigração. No momento em que a comunidade brasileira se amplia e se organiza nos EUA, que as políticas migratórias são cada vez mais restritivas e que as prisões de brasileiros/as quintuplicam na fronteira com o México, a migração de brasileiros/as tornou-se tema da novela das 20h, ocupando o horário nobre do canal de maior audiência no país. A novela foi exibida simultaneamente no Brasil e nos países de destino dos/as emigrantes brasileiros/as. Este trabalho pretende analisar as representações de gênero que são construídas para homens e mulheres no percurso entre o sonho americano e a vida cotidiana no Brasil. Na novela "América" a maneira como homens e mulheres migrantes e seus familiares foram representados reforçou estereótipos de gênero presentes na sociedade brasileira e na sociedade americana, mas também apontou para novas construções de gênero no contexto da migração, quando, por exemplo, enfatizou as trajetórias de mulheres emigrantes. Ao analisar essas representações buscamos demonstrar como se entrecruzam gênero, raça e classe social, procurando comparar tais representações com as vivências dos migrantes brasileiros nos EUA.

\* *Gláucia de Oliveira Assis*, Professora da universidade do estado de Santa Catarina - UDESC

\*\* *Sueli Siqueira*, Professora da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Seminário Internacional Fazendo Gênero 7, Gênero e Preconceitos - simpósio temático; Gênero, migrações e preconceitos. Agradeço aos comentários e sugestões das debatedoras e participantes.

**Palavras-Chave:** Gênero. Etnicidade. Telenovela. Migrações Internacionais.

**Abstract:** In the beginning of this 21st century the growing emigration of Brazilians has revealed a new aspect of Brazil, that of a country of emigration. At a time when the Brazilian community expanded in the United States and security at North American borders became more rigorously guarded, the Brazilian migration turned into a theme for a prime-time soap opera on the nation's most popular TV station. The intention of this work is to analyze the representations of gender that were created for men and women on their journey between the American dream and everyday life in Brazil. The way in which men and women emigrants and their families were represented in the soap opera "America", reinforced stereotypes present in society in both Brazil and the United States. However, new gender constructions were also pointed out in the context of migration, when, for example, the directions of female emigrants were emphasized. On analyzing these presentations we are seeking to demonstrate how gender, race and social class intersect, seeking to compare these depictions with the way of life of Brazilian emigrants in the USA.

**Keywords:** Gender. Ethnicity. Soap Opera. International Migration.

## 1. Introdução

A emigração de brasileiros nas últimas décadas do século XX inseriu o Brasil nos novos fluxos internacionais de mão-de-obra. Esse movimento marcou também uma inversão da auto-imagem do país, que até meados do século passado se construía como um lugar de imigrantes.

No momento em que a comunidade brasileira amplia-se e organiza-se nos EUA, em que as políticas migratórias são cada vez mais restritivas e que as prisões de brasileiros/as quintuplicam na fronteira com o México, a migração de brasileiros/as tornou-se tema

da novela das 20h, ocupando o horário nobre do canal de maior audiência no país. A novela foi exibida simultaneamente no Brasil e nos países de destino dos/as emigrantes brasileiros/as. Este trabalho pretende analisar as representações de gênero que são construídas para homens e mulheres no percurso entre o sonho americano e a vida cotidiana no Brasil. Na novela “América”, a maneira como homens e mulheres migrantes e seus familiares foram representados não só reforçou estereótipos de gênero presentes na sociedade brasileira e na sociedade americana, mas também apontou para novas construções de gênero no contexto da migração, quando, por exemplo, enfatizou as trajetórias de mulheres emigrantes. Ao analisar essas representações, buscamos demonstrar como se entrecruzam gênero, raça e classe social, procurando comparar tais representações com as vivências dos migrantes brasileiros nos EUA.

Para proceder a essa análise, acompanhamos os emigrantes brasileiros retornados ou seus parentes que assistiam à novela em Governador Valadares (MG). A pesquisa foi realizada em dois momentos em julho de 2005 e em outubro de 2005, na última semana de exibição. Foram entrevistados 30 (trinta) emigrantes retornados e 6 (seis) parentes de emigrantes que acompanhavam diariamente a novela. As entrevistas foram realizadas sempre após o informante ter assistido à novela. Todos os informantes têm parentes e amigos nos EUA, ou são migrantes retornados que residiam, à época da pesquisa, em Governador Valadares. Dois deles vivem atualmente entre os dois lugares, ou seja, passam temporadas de até seis meses nos EUA e o restante do ano no Brasil.

### **As imagens da migração na mídia e a novela “América”: reforçando estereótipos e preconceitos?**

Na mídia, as primeiras notícias sobre os emigrantes brasileiros retratavam aqueles que partiam do país os

migrantes como "exilados da crise", em alusão aos exilados políticos dos anos 1970. Ao fazer uma análise das representações criadas sobre os emigrantes na mídia impressa, Sales (1994) afirma que os temas abordados pela imprensa escrita nacional apontavam para uma sinalização negativa desses novos fluxos migratórios, pois se referiam, de modo geral, à clandestinidade, à criminalidade e à discriminação. Também analisando a mídia, Assis (1995) observa que a imprensa nacional inicialmente enfocou a emigração de brasileiros como fenômeno exótico, já que o país não tinha tradição de emigração, uma vez que nossa imagem era construída como de um país que atraiu imigrantes no final do século XIX e início do século XX, esse novo movimento da população brasileira rumo aos EUA, Japão e outros países europeus era retratado como uma inversão dessa auto-imagem. As notícias relatavam aventuras e desventuras de brasileiros nos EUA, enquanto as reportagens enfatizavam as estratégias de migração, as deportações, os relatos das viagens clandestinas e o sucesso daqueles que chegaram na "América", construindo representações sobre os emigrantes. As matérias da imprensa não apenas revelaram o fenômeno, mas também ajudaram a construí-lo, destacando-se, nesse cenário, os relatos e as imagens produzidas sobre a cidade de Governador Valadares (MG) como ponto de partida desse movimento – nessa representação todo migrante "é de lá".

Da mesma maneira, as reportagens sobre os novos imigrantes para o Brasil que chegam ao país mis expressivamente a partir de meados da década de 1990 revelam, em grande parte, a situação de clandestinidade e o preconceito com que os imigrantes, principalmente os latino-americanos, são recebidos no Brasil. Apontam ainda para os problemas que esses migrantes enfrentam, entre elas, as dificuldades de acesso a serviços como a escola para seus filhos <sup>2</sup>.

Esse breve relato sobre as imagens dos e/ imigrantes na mídia é o ponto de partida deste trabalho,

<sup>2</sup> ASSIS, Gláucia de O.; SASAKI, Elisa M. Os novos migrantes do o e para o Brasil: um balanço da produção bibliográfica. In: CASTRO, Mary Garcia (Coord.). *Migrações internacionais: contribuições para políticas Brasil*, 2000. Brasília: CNPD, 2001.

uma vez que os migrantes saem da mídia impressa para entrar no horário nobre do canal de maior audiência no país. Para entendermos como eles se tornam personagens da trama das 20h, é importante ressaltar que esse movimento, considerado inicialmente um movimento de migração temporária, ao longo dos últimos 30 anos transformou-se em fluxo contínuo. Embora grande parte desse movimento seja indocumentado<sup>3</sup>, o que dificulta a sua mensuração, estima-se que 2 milhões de brasileiros vivam no exterior, sobretudo nos EUA, no Japão, no Paraguai, em Portugal e em outros países europeus. Esse movimento tem envolvido tanto aqueles que partiram, os emigrantes quanto aqueles que permaneceram no país, seus amigos, parentes e conterrâneos em uma complexa rede de relações culturais, familiares, afetivas e econômicas, que colocam em contato a sociedade de origem e de destino dos emigrantes, criando um singular campo social – um campo de relações transnacionais.

Os homens e as mulheres emigrantes estabelecem múltiplas relações com o Brasil: são constantes as cartas, os telefonemas, mais recentemente as mensagens pela internet e as remessas de dinheiro, muito importantes para as cidades de origem dos fluxos, como se pode observar em Governador Valadares (MG) e em Criciúma (SC). Nesse sentido, os canais de televisão brasileira, particularmente a Rede Globo, representam uma importante conexão simbólica com o Brasil, já que muitos emigrantes, quando alugam suas casas, negociam com o senhorio a instalação da antena da Rede Globo. Quando não conseguiam tal concessão, pegavam todos os dias as fitas gravadas das novelas e telejornais para assistir. A Rede Globo começou a operar um canal internacional em 1999, colocando no ar uma grade de programação com telenovelas, telejornais, alguns programas produzidos pela própria emissora e, ainda, o campeonato brasileiro de futebol. Esse canal é transmitido por um sistema a cabo nos EUA, no Japão, na Itália e em Portugal.

<sup>3</sup> O termo indocumentado se refere ao fato de que os migrantes trabalham sem os documentos que autorizam a trabalhar num país estrangeiro. Na literatura sobre imigração tem se utilizado esse termo, considerando que os imigrantes não são ilegais, apenas não dispõem dos documentos que regularizam seus *status* migratório. Os grupos de direitos civis que atuam com os imigrantes também se utilizam desse termo por considerarem que é menos discriminatório e defendem politicamente essa denominação sob o slogan “nenhum ser humano é ilegal” por considerarem que os migrantes têm o direito de circular no mundo globalizado, assim como circulam turistas, homens de negócios e mercadoria.

A constituição de um campo de relações que conecta os pontos de origem da emigração a alguns lugares específicos na sociedade de destino sugere a constituição de redes de migração que mantêm e estimulam a vinda de novas levas de migrantes. Dessa forma a migração para o exterior torna-se parte do horizonte de possibilidades de pessoas que vivem nas cidades onde se construíram, ao longo dos últimos anos, múltiplas conexões familiares, afetivas, econômicas, culturais que alimentam o projeto migratório e estimulam as novas migrações mesmo com a maior vigilância nas fronteiras, mesmo com todos riscos da migração de longa distância. É justamente com base nessas redes que implicam as relações estabelecidas entre os dois lugares que podemos começar a problematizar a novela "América". No momento em que a novela iniciou, em março de 2005, os emigrantes brasileiros, assim como outros migrantes internacionais, vivenciaram um maior rigor nas fronteiras e políticas migratórias, cada vez mais restritivas. No caso brasileiro, a novela é realizada em um contexto no qual o número de brasileiros deportados na fronteira do México quintuplicou e é, inclusive, maior que o número de mexicanos presos na fronteira. Assim, a migração torna-se um problema, pois evidencia a inserção desigual e discriminatória de trabalhadores/as no mundo globalizado e ganha visibilidade social e política, inclusive com a instalação de uma CPMI no Congresso Nacional para analisar o tráfico de pessoas na fronteira com o México e promover um debate sobre a necessidade de políticas públicas para os emigrantes brasileiros.

A novela, portanto, propõe-se a contar como vive nossa gente lá fora e a problematizar dificuldades como a travessia na fronteira, os problemas de adaptação com a língua e os costumes americanos, as dificuldades de legalização, a discriminação, a relação com outros grupos imigrantes, dentre outras.

## Na vida real: acompanhando a novela “América” em Governador Valadares (MG)

A novela “América” iniciou em março de 2005, abordando um tema que é muito caro aos valadarenses: a migração de brasileiros para o exterior. A cidade vive, desde a década de 1960, um significativo movimento migratório, inicialmente em direção aos EUA e, desde a década de 1980, para Portugal, Espanha, Inglaterra e outros países, (embora os EUA continuem sendo o seu principal destino). As histórias de sucesso dos primeiros migrantes, das décadas de 1960 e 1970, criaram uma cultura migratória que transforma a migração em um horizonte possível e desejado aos olhos dessas pessoas. Em um contexto de agravamento da crise econômica, na década de 1980, essa cultura migratória, associada à possibilidade de ajuda de algum parente, amigo ou conterrâneo nos primeiros meses de América, com o apoio das redes migratórias, fez dessa cidade um ponto de partida significativo para migrar. Criou-se uma ampla rede de relações em Governador Valadares, a qual envolve agências de turismo, despachantes, doleiros, agenciadores e redes de parentesco que se articulam nos EUA, em uma verdadeira corrente migratória.

Como conseqüência disso, a cidade ganhou uma nova face. Ao longo dos anos de 1990, a emigração de valadarenses para os EUA passou a fazer parte do cotidiano da cidade.<sup>4</sup> A migração de homens e mulheres envolve as famílias nesse processo, à medida em que o sonho dos emigrantes é juntar dinheiro na “América” para retornar ao Brasil, contando com as famílias para cuidar dos filhos, dos negócios, da vida que fica aqui. Nesse sentido, o projeto torna-se familiar, afetivo e econômico, envolvendo também aqueles que não migraram.

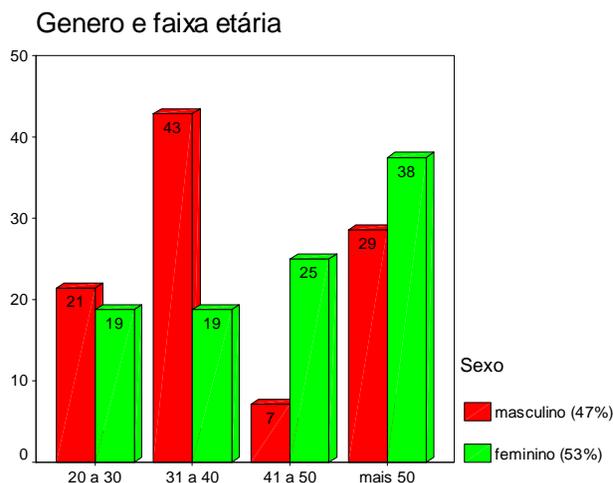
Por isso, quando a novela “América” foi anunciada, havia na cidade uma grande expectativa em relação à trama e ao modo como a cidade seria abordada. A

<sup>4</sup> Nas agências de turismo, encontramos pessoas de diversas classes sociais, munidas de sua identidade para receber os dólares provenientes da América. A propaganda dessas agências é: “Aqui seu dólar vale mais”. Nas casas de material de construção, ou em algumas lanchonetes, também encontramos esses avisos. Nos cartórios da cidade, casamentos e divórcios por procuração são realizados com freqüência, havendo advogados especializados em ir aos EUA para realizá-los. Mais recentemente, com o mundo conectado pela internet, os migrantes recebem mensagens, conversam com filhos e parentes e “participam”, pela *web*, de eventos familiares (Assis, 1995). A “última moda” na cidade é assistir a casamentos que acontecem nos EUA, através de um sistema que transmite por telão o casamento para os familiares que ficaram no Brasil. Então, o salão de festas é arrumado, as pessoas vestem-se a rigor para a ocasião e assistem à cerimônia, participando da festa que se realiza nos dois lugares – aqui e lá.

partir da sua estréia, passou a ser acompanhada e discutida em conversas informais e cotidianas, pois a comparação que se faz é em que medida o folhetim aproxima-se ou não *da vida real* uma vida que todos conhecem em detalhes pelas vivências de amigos/as, parentes, esposas/os e namoradas/os.

Para a finalidade deste artigo, apresentaremos apenas alguns dados relativos ao perfil dos emigrantes entrevistados e à forma como perceberam a novela. Todos declararam assistir diariamente à novela. No Gráfico 1, observa-se que 47% dos entrevistados são do sexo masculino e 53% do sexo feminino. A maioria dos homens (43%) está na faixa etária de 31 a 40 anos, enquanto a maior concentração das mulheres (38%) está na faixa etária acima de 50 anos. O grau de instrução é semelhante: a maioria dos homens (64%) e das mulheres (63%) têm o ensino médio completo. É interessante destacar que 14% dos homens e 13 % das mulheres têm o curso superior completo.

Gráfico 1



## 2. A experiência de emigrar

A maioria dos entrevistados emigrou no período de 1991 a 2000 e retornou no período de 2001 a 2006 (Gráfico 3). A faxina e a construção civil constituíam o trabalho da maior parte dos emigrantes nos EUA (Gráfico 4). Essas atividades revelam nichos de trabalho que indicam como o mercado é segmentado por gênero, pois na faxina e nos serviços domésticos se concentram as mulheres e na construção civil e no trabalho em restaurantes há um predomínio de homens. No retorno ao Brasil, os migrantes buscam concretizar o sonho de montar um negócio, realizando o projeto. 30% tornaram-se proprietários de empreendimentos na área de comércio e agronegócios, 17% tornaram-se profissionais liberais e 13% estão aposentados. Destacamos que 7% mantêm atividades nos EUA, passando parte do ano aqui no Brasil e parte do ano lá (EUA) trabalhando, esses migrantes transnacionais dividem a vida cotidiana entre os dois lugares tornam-se migrantes transnacionais. Tanto os entrevistados do sexo masculino (71%) quanto os do sexo feminino (75%) permaneceram naquele país por um período de até cinco anos (Gráfico 5).

Em relação à fluência na língua inglesa, apenas 3,3% dos entrevistados dominavam bem o idioma quando emigraram. 43,3% dos entrevistados declararam que não sabiam nada e 23,3% afirmaram que sabiam o suficiente para se comunicar. Quanto à forma de entrada, o Gráfico 6 demonstra que enquanto metade dos homens entrevistados entraram para os EUA atravessando a fronteira do México, as mulheres utilizaram-se dessa estratégia em menor proporção (25%). Essa diferença é atribuída aos riscos da travessia. Há vários relatos de morte, roubo e, no caso das mulheres, ainda podem ocorrer outras violências como estupro. Nesse sentido, ao focar a travessia de uma mulher, o enredo da novela procura apresentar uma imagem de migrante feminina que

parte em busca de "fazer a América" e não apenas acompanha o marido e os filhos. Sol, a protagonista, deixou a possibilidade de um casamento no Brasil para realizar seu sonho de migrar e decidiu ir pelo México, por que não conseguiu o visto para entrar nos EUA como turista, primeira estratégia de entrada daqueles que pretendem migrar.

A experiência de migrar, de trabalhar e de permanecer indocumentado é o que acontece com a maioria dos emigrantes. Muitos dos entrevistados (96,7%), quando retornaram ao Brasil, continuavam nessa situação, ou seja, não possuíam os documentos necessários para viver e trabalhar nos EUA.

É interessante observar no Gráfico 7, que a maioria das mulheres (94%) foram recebidas por parentes, enquanto parte dos homens (64%) foram recebidos por parentes e parte (29%) por amigos. A indicação do primeiro emprego (Gráfico 8) também indica uma ligação maior da mulher com a família, uma vez que 75% delas conseguiram o primeiro emprego através dos parentes, enquanto os homens, mesmo recorrendo a parentes, utilizam mais as relações de amizade do que a mulher para se colocar no mercado de trabalho. Esse aspecto demonstra a importância das redes sociais e o modo como são moldadas pelas relações familiares e de gênero. Tal aspecto é ressaltado pelos valadarenses como uma diferença em relação à experiência dos emigrantes na novela, quando se referiam à novela diziam: "a Sol sofreu porque não tinha ninguém lá para recebê-la, a sua amiga tinha saído da cidade. O meu marido quando foi tinha um primo esperando por ele arranjando lugar para ficar e emprego.

Todos os entrevistados declararam ter parentes nos EUA. No Gráfico 9, podemos observar a relação dos parentes que vivem hoje naquele país. Desses dados, destacamos que 25% das mulheres declararam que os cônjuges estão atualmente nos EUA, ao passo que somente 7% dos homens fizeram a mesma declaração.

Gráfico 3

Gráfico 4

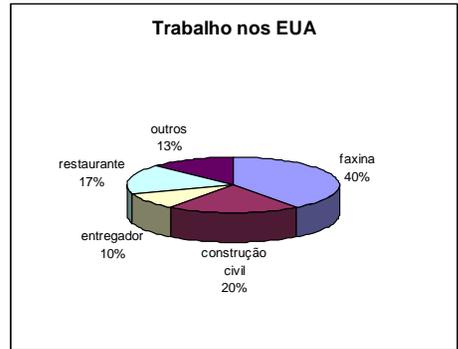


Gráfico 5

Gráfico 6

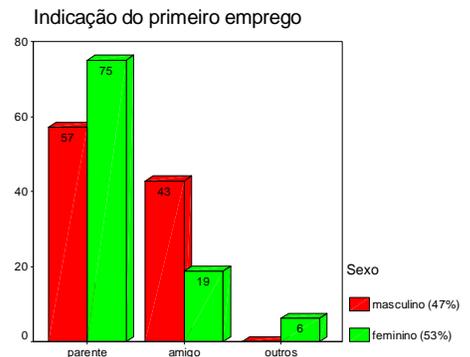
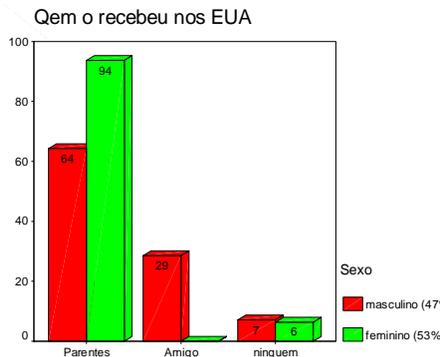
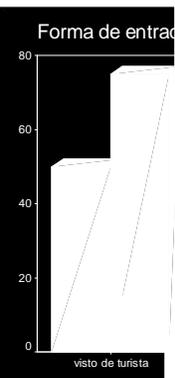
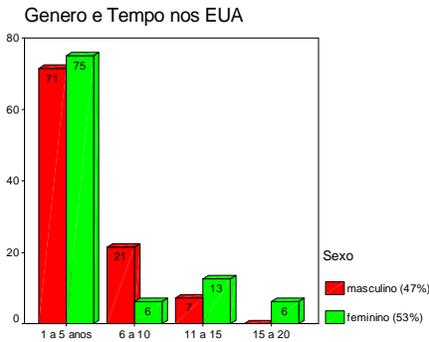
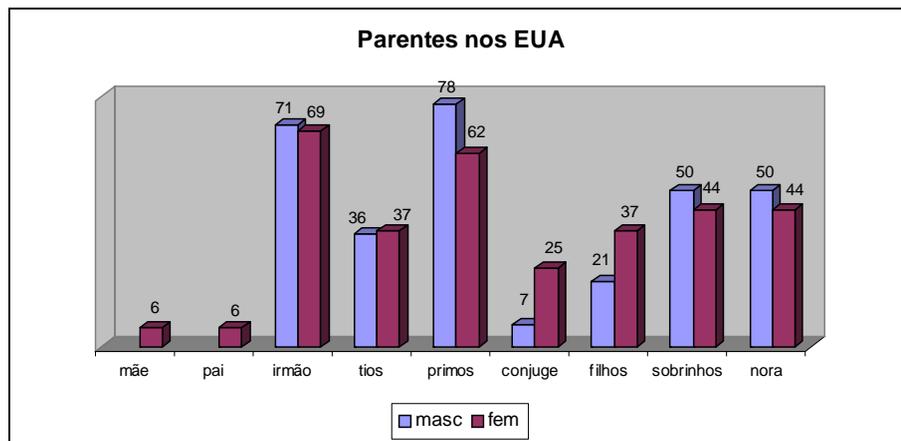


Gráfico 9



Esses dados revelam que as redes construídas pelos emigrantes são moldadas por gênero e parentesco. Contudo, enquanto assistiam à novela, os emigrantes ou seus parentes observaram que, nos EUA, os/as emigrantes chegavam quase sempre sozinhos/as, o que não correspondia às suas experiências, demonstrando, mais uma vez, a importância das redes de parentesco na consolidação do fluxo para os EUA, conforme já havia sido observado<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> ASSIS, Gláucia de O. *De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros*. Tese de Doutorado. Programa de Doutorado em Ciências Sociais, IFCH, Campinas, 2004.

### 3. Perspectiva do emigrante em relação à novela "América"

*Eu não perco a novela, gosto de ver mais a parte da Sol e da pensão da Consuelo. Fico lembrando como era minha vida lá [...] na novela é muita fantasia, muita invenção. Eles não mostram a dureza da vida [...], mas eu gosto de ver.* (Ivan, 38 anos)

Todos os entrevistados declaram acompanhar a novela desde o início. Entre os homens, 57% consideram que a novela retrata bem a realidade do imigrante, ao passo que a maioria das mulheres (63%)

considera que a novela não retrata a realidade do imigrante nos EUA (Gráfico 10).

O Gráfico 11 demonstra que, para 50% dos homens, a novela não estimulou a migração para os EUA. Para 44% das mulheres, a novela não interferiu na decisão das pessoas de emigrarem. Além disso, 50% dos homens e 44% das mulheres consideram que a novela representou, em algumas partes, a realidade da migração para os EUA, mas em outras partes não.

*Acho que é muito irreal quando mostra a parte sobre o trabalho dos migrantes. Na realidade, a gente trabalha muito mais do que a novela mostra. O trabalho da Sol é moleza, sai a hora que quer para atender amigos [...] não é assim não. (Mirian, 62 anos)*

*A parte da travessia é meio fantasia, mas tem muita coisa que é verdade, eu passei pelo rio e foi daquele jeito, só não teve tiro da polícia [...] chegamos sem problemas [...] aquela dela chegar numa caixa no escritório é de matar. (Mateus, 38 anos)*

Tanto os homens (50%) quanto as mulheres (31%) declararam que a parte da novela de que mais gostam é o rodeio. Outra parte, também muito apreciada, é a história de amor entre Ed (um americano) e Sol. As partes de que menos gostam, tanto os homens (29%) quanto as mulheres (44%), são as cenas que aparecem a May (a noiva americana de Ed). É interessante observar que a novela construiu uma representação sobre as mulheres brasileiras como carinhosas, sensuais, companheiras enquanto as americanas são representadas como pouco femininas, insensíveis, preconceituosas em relação aos emigrantes. *Gosto de ver a Sol e a luta dela para ir para os EUA e conseguir trabalhar. Detesto a May pelas maldades dela [...]. (Ana, 34 anos)*

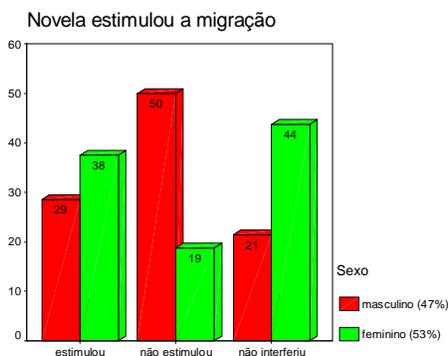


Gráfico 11

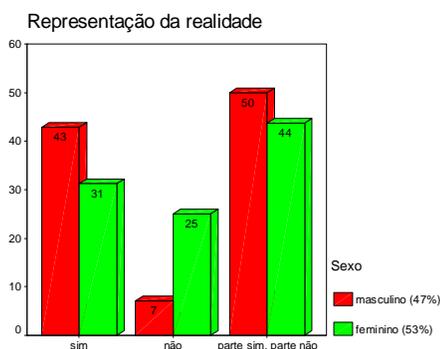


Gráfico 12

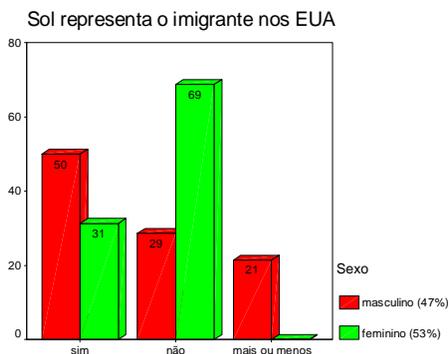


Gráfico 13

Nesse sentido, a novela serve para que os emigrantes reflitam sobre a própria experiência migratória e comparem com as próprias estratégias de migração. A novela reproduz em sua trama não apenas as estratégias de migração, mas também, os estereótipos de gênero e sexualidade sobre brasileiros e americanos.

Sobre o casamento entre Sol e Ed, que era o assunto da semana, comentaram que gostam do casal e que, embora naquela época tivessem a expectativa de que Sol terminasse a novela com Tião, estavam torcendo agora por Ed, o namorado americano, considerado um homem menos bruto e mais sensível do que Tião. As mulheres acham que os dois

combinam mais porque ambos vêm do mundo urbano, embora sendo de países diferentes poderiam ter mais coisas em comum, enquanto o casal formado por Tião e Simone parece, aos olhos das espectadoras, pertencer ao mesmo mundo, pois lidam com o mundo do campo, embora Simone seja da cidade e é apresentada como uma veterinária que gosta da vida no campo.

O casamento arranjado é uma forma de conseguir o “*green card*” e constitui-se em uma estratégia legítima para os emigrantes de regularizarem a sua situação. Assim, tudo estaria melhor se May, a namorada do Ed, da qual as espectadoras não gostam, não os tivesse denunciado para a migração. Agora, segundo elas, os dois têm de morar juntos e acabam envolvendo-se. A “necessidade do casamento” revela as dificuldades de legalização dos emigrantes, particularmente as mulheres, que se concentram nos serviços domésticos e têm poucas chances de se legalizar através do trabalho. O casamento aparece, então, como uma estratégia feminina de legalização, pois é utilizada com mais frequência pelas mulheres, não apenas as brasileiras, mas também as outras mulheres imigrantes.

O casamento como meio para obtenção do “*green card*” aparece como uma estratégia de legalização mais acessível às mulheres. Isso não significa que os homens brasileiros não casem com as americanas, mas que eles não têm o mesmo valor que as mulheres brasileiras têm nas representações de americanos. Durante o trabalho de campo realizado em Boston<sup>6</sup>, foi mais comum encontrar mulheres brasileiras casadas com americanos do que homens brasileiros com americanas. Isso se deve ao fato de que às brasileiras são associados atributos femininos, como carinhosas, sensuais, boas mães e donas de casa, enquanto aos homens brasileiros são associados padrões da masculinidade latina, como “machistas”, autoritários, ciumentos, violentos e pouco maleáveis. Na novela, ao ser realçada essa estratégia feminina, reforçam-se os estereótipos que os homens

<sup>6</sup> ASSIS, Gláucia de O. *De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros*. Tese de Doutorado. Programa de Doutorado em Ciências Sociais, IFCH, Campinas, 2004.

migrantes fazem das mulheres brasileiras, "que lá elas só querem o *"green card"* e não querem saber deles". Ou seja, há uma perda de poder masculino entre os homens que, na trama da novela, talvez se traduza nos próprios personagens que só se relacionam com mulheres brasileiras ou outras latinas.

O triângulo formado entre May, Ed e Sol opera, justamente, com essas representações, o que, segundo as observações de algumas entrevistadas, reforça tal estereótipo. A namorada americana é considerada por elas "muito dura e fria", é a representante da "frieza americana", pois não gosta de imigrantes. Sol, por sua vez, é carinhosa, sensual e "quente". E é por essa representação de mulher brasileira, que é ao mesmo tempo quente, carinhosa e batalhadora, que Ed se apaixona. Ele é um homem "mais sensível", que entende os objetivos de Sol mais do que Tião, considerado "muito machista". Assim, o "homem sensível" é representado pelos comportamentos de Ed, um americano, enquanto os demais homens brasileiros aparecem como machistas, violentos, ou tradicionais, como é o caso do personagem Glauco, empresário bem-sucedido que tem uma família nuclear e uma amante de longa data, mas que não consegue cuidar de sua vida afetiva, "não fala nada", como dizem as espectadoras.

Quando falam de May, observam que, além de ser uma namorada pouco sensível, não gostava de migrante "de jeito nenhum" e, para exemplificar, mencionam sua atuação como professora em uma escola para filhos de imigrantes, onde discriminava os pais por não falarem a língua e as crianças por seu comportamento.

Em relação aos outros imigrantes, 50% dos entrevistados consideram que eles representam bem a realidade do latino nos EUA, ao passo que outros 50% consideram que não. As mulheres diferenciam-se muito pouco em relação a esse item, quando comparadas aos homens: 44% delas consideram que

representam bem e 56% consideram que não. É interessante observar que a novela reforça as distinções entre os brasileiros e os outros latinos, por exemplo, enfatizando estereótipos de que estes são mais tradicionais e não tão trabalhadores quanto os brasileiros.

*“Conheci muitos mexicanos lá, e eles são desse jeito mesmo. Falam alto, gritam, choram à toa e fazem festa por tudo. Agora tem o outro lado, na pensão parece que ninguém trabalha [...] eles ralam muito também. [...] outra coisa: dona de pensão não anda no luxo lá não [...] rala mesmo”.* (Marconi, 32 anos)

Em relação aos parentes que estão nos EUA, 25% das mulheres e 50% dos homens afirmam que seus parentes assistem à novela e gostam dela; outros 21% dos homens e 25% das mulheres dizem que eles não assistem à novela porque não gostam e a consideram muito fora da realidade.

#### 4. O final da novela

*“Eu acho que ela tem que terminar com o Ed e o bom seria que pudesse ficar nos EUA, porque ela lutou muito para ir pra lá. Na vida real é impossível, mas na novela ela pode conseguir o “Green Card”, e viver lá”.* (Ana, 34 anos)

*“Na vida real, ela nunca poderia viver nos EUA, porque a lei é muito severa e ela não teria como viver lá legalmente, mas eu torço para que termine com o Ed e fiquem vivendo os dois na América”.* (Ronaldo, 48)

É interessante, nos depoimentos, a torcida dos entrevistados para que, no final, a personagem Sol permaneça nos EUA, embora reconheçam os impedimentos legais. Os dados dos Gráficos 14 e 15 confirmam essa posição. A expectativa é de que, no final da novela, Sol termine com Ed (71% dos homens e 63% das mulheres) e possa viver nos EUA (57%

dos homens e 63% das mulheres). Isso representaria uma redenção por todo o sofrimento e humilhação sofridos naquele país pela personagem; em parte, também representa a história de cada um, sobretudo daqueles que viveram indocumentados e que de alguma forma se identificam com a personagem.

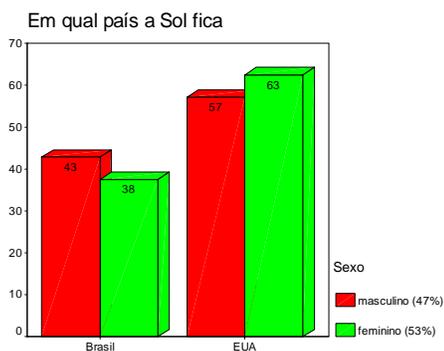


Gráfico 14

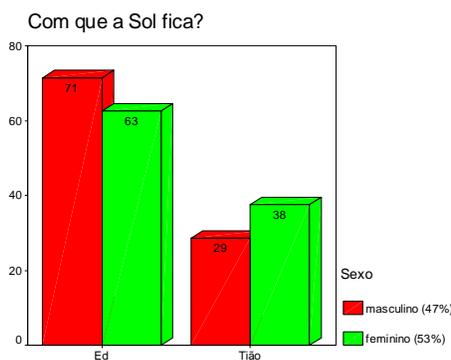


Gráfico 15

## 5. Considerações Finais

<sup>7</sup> Mira (2003)

Segundo Mira<sup>7</sup>, embora no Ocidente moderno esteja ocorrendo uma diminuição da distância que separa os mundos feminino e masculino, ainda é grande esse universo na cultura de massa. Para a autora, no mercado cultural de massa, as primeiras formas de segmentação relacionam-se a produtos voltados para mulheres. Nesse cenário, ainda que também haja um público masculino, as telenovelas são produtos predominantemente femininos. Conforme observou a autora, há um verdadeiro caso de amor entre as mulheres e as narrativas melodramáticas.

Em "América", assim como em outras telenovelas recentes, ocorre uma sobrevalorização das personagens femininas, que são centrais na trama e conduzem os acontecimentos. Como observou Almeida<sup>8</sup>, a feminilização da novela é impulsionada pelas propagandas de produtos considerados

<sup>8</sup> ALMEIDA, Heloisa B. *Telenovela, consumo e gênero: muitas coisas*. Bauru, SP: Edusc, 2003.

femininos, como os de higiene, os alimentícios e os eletrodomésticos, associando-se a feminilidade ao mundo doméstico, à casa. Ao lado dessas representações, presentes nos comerciais, as construções de gênero também caracterizam as personagens e heroínas: além de boas mães e esposas, elas são ainda sensuais, bonitas, trabalhadoras e independentes.

Ao analisarmos os personagens na novela, percebemos essa centralidade do feminino, a começar pela heroína, a emigrante Sol, que parte sozinha para a América. Ao fazer isso, ela inverte uma visão estereotipada da migração e dos migrantes, que são sempre retratados como jovens e homens. Embora essa seja uma característica das migrações de longa distância, que se iniciam com homens jovens, é importante observar que as mulheres sempre participaram dos fluxos internacionais de mão-de-obra e, no entanto, permaneceram durante muitos anos subsumidas na categoria migrante.<sup>9</sup> Assim, ao tratar Sol como a personagem que parte em busca de uma vida melhor, a novela provoca uma inversão das representações clássicas na literatura sobre imigração e na imprensa sobre as mulheres como migrantes passivas, aquelas que esperam e revelam uma participação ativa no processo migratório, mulheres que também partem em busca de fazer América.

Na novela, percebe-se uma valorização das feminilidades brasileiras. Excluindo-se as personagens que pertencem ao núcleo de classe média alta, a maioria das mulheres trabalha, cuida-se, é bem tratada (elas usam produtos de beleza para evidenciar esse cuidado e também fazem merchandising), é bonita e representa um ideal de mulher moderna, que as novelas têm atualizado a cada trama. Os homens são representados segundo um padrão hegemônico de masculinidade, reforçando os estereótipos acerca dos brasileiros e latinos. Aqueles que não se comportam de acordo com esse padrão de virilidade, coragem e braveza, ou são

<sup>9</sup> Para uma discussão sobre como as mulheres eram representadas nos estudos de migração, ver Gabaccia (2002), Brettel, Caroline e Deberjeois (1992), Assis (2004).

acusados de femininos, como é o caso do personagem Júnior, ou de ser um bobo, como é o caso do personagem Glauco, que "não tem nada para dizer".

Em "América", portanto, a maneira como homens e mulheres migrantes e seus familiares são representados não só reforça estereótipos de gênero presentes na sociedade brasileira e na sociedade americana, como também aponta para novas construções de gênero no contexto da migração, quando, por exemplo, enfatiza as trajetórias de mulheres emigrantes. Ao analisar essas representações, busca-se demonstrar como são construídas as masculinidades e feminilidades dos emigrantes na novela, e como entrecruzam gênero, raça, nacionalidade e classe social.

As emigrantes mulheres são apresentadas como brancas<sup>10</sup>, mesmo as mexicanas, pertencentes à classe média baixa ou aos grupos populares, mas não muito pobres. A classe média alta não emigra, viaja apenas, pois a ela é dada a livre circulação, tal como circulam as mercadorias. Entre as pedagogias da novela, há uma tentativa de ensinar o emigrante brasileiro a categorizar-se como latino, o que aparece tanto nas falas de May, Ed e outros "americanos" quanto na fala dos emigrantes. Esse é um aspecto interessante, porém não foi comentado pelos entrevistados, talvez pelo fato de, assim como os emigrantes, não se identificarem como latinos brasileiros/as nos EUA e, nesse contexto, ser brasileiro torna-se uma categorização étnica.

Através da novela, foi possível observar a reflexão por parte daqueles que justificam a sua espera em outro país, discutem a travessia, analisam as relações familiares. A novela traz uma pedagogia, um ensinamento, uma educação sentimental, conforme destacou Almeida<sup>11</sup> sobre esses temas que são discutidos antes, durante e depois da narrativa. Desse modo, juntamente com a educação sentimental, poderíamos dizer que ela contribui para reforçar as

<sup>10</sup> Infelizmente, o mineiro Jean Charles, natural da cidade de Gonzaga, foi alvejado com oito tiros pela polícia britânica por ser suspeito de terrorismo. Ao olharmos para a sua foto (rapaz moreno, de olhos e cabelos pretos, com traços considerados pela polícia "parecidos" com os de um muçulmano), podemos suspeitar de que foi morto por sua aparência, justamente o contrário do que a novela reforça através dos migrantes que nela aparecem. Em um momento no qual a travessia é glamourizada pelas lindas imagens da telenovela e suscita novos sonhos de fazer a "América", essa morte trágica traz de volta "a vida real", a condição de migrante indocumentado e os seus limites.

<sup>11</sup> ALMEIDA, Heloisa B. *Op. Cit.*

conexões entre aqueles que foram e aqueles que ficaram. Mesmo quando criticam aspectos que consideram não corresponder à realidade, ou os exageros e os estereótipos, a novela os faz falar da experiência migratória, do tráfico de pessoas, das dificuldades, de como o sonho é difícil de realizar, das dificuldades de adaptação, de como as pessoas vivenciam de maneiras diferentes a espera.

## Referências

ALMEIDA, Heloisa B. *Telenovela, consumo e gênero: muitas coisas*. Bauru, SP: Edusc, 2003.

ABU-LUCHOD, Lilá. Melodrama egípcio: uma tecnologia do sujeito moderno? *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 21, p. 75-102, 2003.

ASSIS, Gláucia de O. *De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros*. Tese de Doutorado. Programa de Doutorado em Ciências Sociais, IFCH, Campinas, 2004.

ASSIS, Gláucia de O. Estar aqui... estar lá: uma cartografia da emigração valadarense para os Estados Unidos. In: REIS, R.R.; SALES, T. *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999.

ASSIS, Gláucia de O.; SASAKI, Elisa M. Os novos migrantes *do o e para o Brasil*: um balanço da produção bibliográfica. In: CASTRO, Mary Garcia (coord.). *Migrações internacionais: contribuições para políticas Brasil*, 2000. Brasília: CNPD, 2001.

CUNHA, Isabel Ferin. A revolução de Gabriela: o ano de 1977 em Portugal. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 21, p. 39-74, 2003.

GABACCIA, Donna. *Seeking common ground: multidisciplinary studies of immigrant women in the United States*. Westport, Connecticut: Ed. Praeger, 1992.

SALES, Teresa. *Brasileiros longe de casa*. São Paulo: Cortez, 1999.

SCHILLER, N.G.; BASCH, L.; BLANC-SZANTON, C. *Towards transnational perspective on migration. Annals of the New York Academy of Sciences*. New York, p. 645, 1992.

SOUZA, Heloisa Maria G.P. *Retrato em branco e preto: narrativas de mulheres brasileiras imigrantes na área da grande Boston 1995-1996*. Boston, 1997.

THOMAS, William; ZANANIECKI, Florian. *The polish peasant in Europe and America*. Chicago: University of Illinois Press, 1984.